



CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

26 de Setembro de 2026

ANDRÉ VALENTE

de Catarina Ruivo, 2004



Realização, Argumento e Montagem: Catarina Ruivo. **Director de Fotografia:** Rui Poças
Direção de Arte: Cesário Monteiro. **Assistente de Realização:** Paulo Belém e Catarina Ramalho. **Guarda-Roupa:** Sílvia Siopa. **Música original:** Paulo Pimentel. **Som:** Vasco Pimentel. **Com:** Leonardo Viveiros (André Valente), Rita Durão (a mãe), Dmitry Bogomolov (Nicolai) e Pedro Lacerda (o pai). **Direção de Produção:** Patrícia Almeida. **Produtor:** Paulo Branco. **Cópia** em 35 mm, legendada em português. **Duração:** 75 minutos. **Estreia mundial:** 16 de setembro de 2004.

Com quatro longas-metragens no seu currículo, ANDRÉ VALENTE constituiu o primeiro filme de Catarina Ruivo, com o qual a realizadora foi distinguida com o prémio "Don Quijote" da Federação Internacional de Cineclubes no Festival de Locarno, e com o Prémio da Crítica e o Young Cinema Jury Award no Festival Internacional de Jeonju, Coreia do Sul. Em 2005, o mesmo filme foi distinguido com o Prémio "Albacinema" de Melhor Realizador e com o Prémio SIGNIS de Melhor Filme, no Infinity Festival, em Turim.

"Era uma vez nós os três", ouvimos a certa altura. É este o desejo-motor do pequeno André, o desejo de uma história que infelizmente não se cumpre porque, por vicissitudes que só os adultos provocam e entendem, um dos três ausentou-se, foi-se embora. Essa perda, a da

figura do pai, vai marcar e acompanhar os dias e noites da mãe e, sobretudo, do André, marcando também a forma como ele se relaciona com a mãe, o amigo da mãe, a amiga da escola e o vizinho Nicolai. O trauma vai revelar-se de múltiplas formas, mas não bloqueia a alegria dos pequenos momentos e a procura de um sentido para a vida no encontro com os outros.

Com esta pequena síntese narrativa, a realizadora Catarina Ruivo desenha 70 meticulosos minutos de filme com uma mestria e maturidade notáveis, para quem se iniciava, em 2004, na sua primeira longa-metragem.

A história conta-se através do que se vê, mas também através do que só se ouve. Quando a câmara fixa um plano no interior de uma casa abandonada, ouvimos as vozes das crianças, deixando a cena oculta correr na nossa imaginação. É um momento extraordinário em que o filme nos convida a regressar a memórias da nossa infância, quando nós próprios, longe dos adultos, aventurávamo-nos na descoberta de espaços proibidos, e outros recantos interditos.

Outras vezes, é o silêncio que diz tudo; ficamos apenas a seguir a mãe e o filho no caminho para casa, demorando-se só um pouco na observação do restaurante onde os outros casais e famílias — e não eles — jantam e representam a unidade conjugal.

Quando há diálogos, o que se diz em concreto é quase sempre uma chave para uma outra coisa mais ampla. André a firmar em 2 minutos uma amizade com a nova inquilina do prédio, diz-nos, de facto, o quanto a infância guarda uma sabedoria própria onde não moram ambiguidades.

Muitas vezes ainda, são os gestos que nos dizem, com uma eloquência infalível que dispensa a palavra, o que vai na alma de cada um. Percebemos que o Nicolai se torna imprescindível ao André quando este troca a bicicleta pelos patins - forma de trocar um pai por outro “pai”. Percebemos, à porta do hospital, que foi o pai que falhou na vigilância do filho bebé, quando a mãe lhe recusa o abraço. Percebemos que a criança André se torna por vezes o adulto Valente na sala, quando vai ter com a mãe ao hospital ou ajuda o Nicolai a curar uma ferida. Percebemos que uma despedida dói menos quando o gesto do adeus a acompanha.

Nestes 70 minutos, há um sentido afinado do espaço e, sobretudo, do tempo; uma economia de meios narrativos em que não se perde um minuto em informação lateral, ligações desnecessárias entre ações ou divagações vazias, porque há outros momentos em que a divagação vai ser funda, e fundamental, para instalar a sensação de desamparo ou redenção.

Há, finalmente, um conjunto notável de atores que se entregam com generosidade ao nosso olhar em grandes planos, permitindo-nos uma aproximação intensa à sua intimidade, e que incorporam com talento e sensibilidade os silêncios, os sussurros e as expressões complexas dos afetos. É a vida em toda a sua força, e saímos da sala de cinema com mais algumas vidas ao nosso lado.

Isabel Novais | Cinemateca
